

SINTÉTICO A PRIORI E INCOMPLETUDE: ARGUMENTO TRANSCENDENTAL EM KANT E GÖDEL

André Vinícius Dias Senra
Doutorando HCTE/UFRJ
avdsenra@yahoo.com.br

Ricardo Silva Kubrusly
Professor HCTE/UFRJ
riskuby@gmail.com

Embora os projetos filosóficos de Kant e de Gödel sejam distintos, existe um aspecto interno na relação comparativa entre suas respectivas obras que estabelece a possibilidade de aproximá-los, ao menos, em 2 sentidos. Tal relação entre filosofias se mostra como tentativa de justificar conhecimento, bem como pensar alternativas para as armadilhas do pensar racionalista na sua busca pela totalização dos procedimentos epistemológicos. De fato, tanto Kant quanto Gödel tinham em vista, cada um a seu modo, questões de fundamento. Toda questão acerca dos fundamentos indaga sobre os limites de um determinado campo do saber e alternativas possíveis para o ato de pensar.

A possibilidade de aproximar Kant e Gödel depende da tematização filosófica em função do argumento transcendental. Ao que parece, a defesa da perspectiva transcendental implica em um modo de lidar com as dicotomias estejam estas no âmbito da teoria do conhecimento, como em Kant, ou no domínio dos fundamentos da lógica, como em Gödel.

Etimologicamente, transcendental significa aquilo que não é da ordem da imanência e tampouco poderia ser da ordem da transcendência. Transcendental, nesse sentido, quer dizer a junção adequada e equilibrada de um meio termo que estabelece a possibilidade de unificar, na mesma base de conhecimentos, as categorias do inteligível e do sensível no sentido de Kant. Ou ainda, em sentido gödeliano, transcendental trataria de resolver a tensão entre a admissão da prévia existência ontológica de um tipo de ente matemático e o desenvolvimento de um pensamento que procede pelo construtivismo, próprio da perspectiva do conhecimento humano. Deve-se ressaltar que transcendental também marca uma distinção em relação ao empírico, pois, tal argumento se funda nas condições a priori que possibilitam um conhecimento.

O argumento transcendental aparece na filosofia crítica de Kant, quando este percebe a inviabilidade da pretensão do saber metafísico em se tornar ciência. Em Gödel, o argumento

transcendental aparece enquanto alternativa epistemológica para se repensar o conceito de razão tendo em vista a inviabilidade da pretensão do saber matemático em relação ao formalismo e o pensar apodítico. Em ambos os casos, o argumento transcendental cumpre a função de alternativa epistemológica.

Em Kant, percebe-se a indicação de que a Filosofia só poderia ocupar alguma função para as teorias racionalistas se estivesse em condições de redefinir o que é ciência tendo o parâmetro da modernidade como referencial. Pode-se argumentar de modo crítico, se os termos de Kant não ficaram restringidos e dependentes de uma visão subjetivista para o conhecer na medida em que a validação do conhecimento depende da forma de uma representação subjetiva em relação ao fenômeno. Contudo, é certo afirmar que Kant livrou a possibilidade do conhecimento do questionamento cético. Mas é fato que a visão kantiana acerca do argumento transcendental não gerou uma nova contribuição para a ideia da ciência porque sua visão era tributária do naturalismo científico. Assim, ao invés de buscar um modo filosófico para discutir a questão do conhecimento, Kant se limitou ao parâmetro naturalista. Se o argumento transcendental o possibilitava a ingressar na visão filosófica, por outro lado, Kant preferiu se manter na cosmovisão materialista e naturalista da questão do conhecimento.

Gödel, ao contrário, ainda que não fosse um filósofo por formação, tinha clareza que os problemas relativos ao conhecimento demandavam uma discussão sobre os fundamentos filosóficos do conhecimento e para tal finalidade seria necessário desenvolver uma ciência filosófica. Em função da crise das teorias da razão determinista, crise que se tornou mais nítida a partir do século XX, esta ciência filosófica tentava se afirmar desde a querela dos românticos idealistas alemães contra Kant, mas o próprio desenvolvimento da ciência natural desde aquela época, parecia confirmar o veredicto kantiano que a filosofia jamais poderia requisitar ser a principal ciência no sentido mais geral. Gödel entendia que a retomada dessa ciência filosófica não apenas tinha um sentido de verificação dos princípios racionais a partir de seus fundamentos teóricos, mas também acreditava que tal ciência trataria junto a solução de certos impasses o que tornaria possível o surgimento de novas abordagens, e no caso específico da matemática, novos axiomas. Enquanto Kant limita a extensão da Filosofia, Gödel requer exatamente o contrário, ou seja, que a Filosofia pudesse ser revigorada enquanto saber racional para que pudesse oferecer alternativas aos impasses de outros saberes relativistas.

O teorema da Incompletude de Gödel (1931) é um trabalho técnico relevante no domínio dos fundamentos da aritmética, mas possui um interesse filosófico para a teoria do conhecimento, na medida em que suscita a possibilidade de se rediscutir os limites da justificativa epistemológica. Este tema tem sido objeto de debate desde a Antiguidade, mas recebeu nova

contribuição a partir do argumento de Kant a favor do argumento transcendental nas questões do conhecimento. A aproximação das perspectivas de Kant e de Gödel tem por objetivo verificar como se pode estabelecer uma nova teoria do conhecimento na contemporaneidade, ainda que haja uma crise do conceito determinista de razão. Dentro desse debate, o parecer de Gödel teria se posicionado a favor do realismo lógico, defendendo a ideia de que os objetos matemáticos, enquanto existentes em sentido ideal e puro, existem independente da sua construção pela linguagem formal. Esta posição filosófica pode ser chamada de platonismo matemático. Segundo Kant, a matemática é saber sintético, o que demanda um construtivismo, ou nos termos de Kant, os objetos da matemática só podem ser pensados a partir da mediação com a racionalidade humana. Fica claro que a divergência de posições entre Kant e Gödel tem um sentido ontológico, pois, enquanto o primeiro adota um parecer mais imanentista em relação à existência de objetos, Gödel, por sua vez, estaria orientando uma justificativa que comportasse o sentido transcendente. Contudo, se na perspectiva ontológica há um afastamento entre os autores, por outro lado, em sentido epistemológico há uma aproximação em função do argumento transcendental que existe entre suas filosofias.

No debate de filosofia da matemática, por exemplo, os autores que podem estar relacionados com a visão filosófica de Gödel são Cantor e Frege, e os que estariam mais próximos da visão kantiana seriam Brouwer e Wittgenstein. Tanto do ponto de vista ontológico quanto epistemológico, Kant e Gödel apresentam diferenças filosóficas, mas concordam em um aspecto, a saber, na necessidade de fundar o conhecimento a partir de um argumento transcendental. Os conceitos de incompletude e a noção de sintético a priori, possuem em comum a abertura para a perspectiva transcendental na medida em que estabelecem relação entre imanência e transcendência. O conceito de *Sintético A Priori* quer dizer, em Kant, que não é possível conhecer nenhum objeto sem o critério da experiência e sem a perspectiva do construtivismo cognitivo, o que implica dizer que tal conceito encontra-se submetido a uma noção de realismo no sentido fisicalista, pois, fenômeno, em Kant, indica real. Este conceito kantiano representa uma restrição, porque colocou fim na pretensão do saber filosófico em tornar-se ciência na medida em que a filosofia não atinge o nível fenomênico e, por esta razão, seria incapaz de poder lidar o aspecto real das coisas. Este parecer kantiano foi muito censurado pelos filósofos idealistas e, sobretudo, por Husserl que considerou esta posição kantiana arbitrária. Por sua vez, o conceito de *Incompletude*, a partir do teorema de Gödel, quer indicar que nenhum saber rigoroso pode requerer para si, a condição de fundar conhecimento em seus próprios critérios internos de validação. Isto sugere que Gödel admitia a possibilidade da abertura a novos conceitos e axiomas na medida em que,

com este conceito, a matemática não seria concebida enquanto apofântica formal. Aproximar Kant e Gödel a partir do argumento transcendental indica a possibilidade de nova teoria do conhecimento em bases diferentes do naturalismo e do positivismo. Parece haver indicativos da necessidade desse argumento transcendental nas questões epistemológicas tanto na Crítica da Razão Pura quanto no artigo de Gödel *The Modern Development of the Foundations of Mathematics in the light of Philosophy*, que trata de sua compreensão sobre o sentido filosófico do conhecer. O significado filosófico do Teorema de Gödel, bem como a necessidade de uma nova teoria do conhecimento a partir do argumento transcendental, conduzem o pensamento filosófico gödeliano de Kant a Husserl. Para Gödel, o método filosófico de Husserl seria o único capaz de lidar com o atual parâmetro indeterminista das teorias racionalistas.

No texto ‘*The Modern Development of the Foundations of Mathematics in the light of Philosophy*’, Gödel inicia sua exposição sobre sua visão filosófica por meio da análise do conceito de *Weltanschauungen*. Este vocábulo pode ser compreendido como ‘cosmovisão’. Gödel afirma que existem dois modos de abordar a questão do conhecimento. De um lado, temos a cosmovisão materialista-cética-positivista, que se apresenta como a base para o raciocínio científico-natural. De outro modo, Gödel identificava que a outra cosmovisão se referia à cosmovisão filosófica, que ele identificava como metafísica idealista. Nesta distinção de Gödel se configura uma tensão entre a perspectiva filosófica e a cosmovisão científica. Esta distinção foi formada a partir do período moderno, onde se separou a ciência da filosofia, na medida em que Matéria/Natureza passou a ser um tema independente do Espírito. Obviamente, existem filosofias que estão mais alinhadas com a tendência naturalista do que com questões metafísicas, e, de fato, não é necessário que nenhuma filosofia esteja em desacordo com a atividade científica. Muito pelo contrário, possivelmente, o que se quer determinar, a partir da interpretação de Gödel, é que toda ciência além de possuir uma justificativa epistemológica no sentido construtivista-material, possa comportar também um sentido para a valoração e a vida intelectual no sentido do espírito, e que a ciência não seja apenas um constructo simbolista e abstrato para o homem, mas que também esteja relacionada ao progresso espiritual da humanidade. A visão filosófica de Gödel seria uma retomada da razão iluminista que no pensamento contemporâneo supõe-se estar superada. Mas de acordo com o parecer de Gödel, apoiado na filosofia husserliana, o motivo que levou a esta crise da razão desde o período moderno, foi o crescente materialismo nas teorias racionalistas. Desse modo, Gödel sustenta que a retomada da Filosofia se faz urgente. Certamente, a ciência natural deve estar voltada para questões causais, pois, o interesse científico está voltado não para ‘algo em geral’, mas

para a especificidade da região ontológica em que se desenvolve a respectiva pesquisa. No entanto, a ciência natural não possui condições de ser algo além de um procedimento metodológico de pesquisa. O saber naturalizado não possui condições para cumprir o sentido de uma orientação de pensamento para o pensar contemplativo do homem em seu solilóquio, porque está voltado para o conhecer na dimensão da práxis ou do finalismo prático. A dimensão teórica enquanto questão de valores encontra-se separada do sentido epistemológico. O ceticismo enquanto procedimento metodológico para indagar o critério de validação de um saber é diferente da orientação cética adotada enquanto sentido existencial. Para Gödel, seguindo Husserl, enquanto tal dimensão, que é filosófica, não for recuperada, as teorias racionais continuarão em crise porque existe tal separação que se apresenta filosoficamente como dualismo e que levou à crise do saber filosófico, na modernidade, antes das outras crises da razão. Esse dualismo se mostra na distinção entre teoria e prática, espírito e natureza, universal e particular, etc.

Gödel considerava-se mais inclinado a uma investigação filosófica do que à pesquisa científico-natural porque achava que a filosofia poderia conduzir a novos parâmetros na medida em que pudesse resolver crise da razão em função da resolução do dualismo nas questões fundamentais. Como em sua época, a metafísica já estava em declínio enquanto saber racional, ele sentia-se como um espírito anacrônico em relação ao *Zeitgeist* predominante. A tendência intelectual predominante era positivista-materialista.

Gödel atribuiu a cosmovisão filosófica como apriorista, e a cosmovisão materialista como filosofia empirista. Por esta razão, na cosmovisão natural-materialista o argumento transcendental pode ser dispensado na medida em que o foco consiste em uma resolução de ordem mais pragmática. Esta classificação gödeliana entre filosofia e materialismo inspira-se naquela divisão moderna entre Espírito e Natureza, ou ainda na classificação kantiana entre analítico e sintético, respectivamente. As noções de ‘analítico’ e de ‘sintético’, formuladas nestes termos por Kant, indicam um problema que se encontra na origem de todo conhecimento filosófico, que é a questão sobre o dualismo nas categorias do inteligível e do sensível. Na tradição filosófica da Grécia antiga, ainda que houvesse uma consideração sobre a independência entre as razões desses domínios, podia-se notar uma guinada no sentido da unificação de modo que o sentido da episteme dependesse dessa base comum a razões diferentes (a episteme grega congregava a *physis*, a *lógiké*, e o *ethos*). Se o inteligível está para o *a priori*, assim como o sensível está para o *a posteriori*, logo indica que *a priori* quer dizer o que ‘vem antes’ e *a posteriori* indica o que ‘vem depois’. Se esta questão envolve o

conhecimento, a referência do ‘antes’ e do ‘depois’ só pode ser com respeito ao ato de pensar do sujeito do conhecimento.

Conquanto Gödel tenha seus resultados matemáticos muito discutidos até hoje, ele não foi devidamente tematizado a partir de um ponto de vista filosófico. Ao buscar uma justificativa epistemológica que fizesse uma revisão dos princípios fundamentais da matemática a partir das questões filosóficas, Gödel termina por orientar seu pensamento não apenas em uma releitura de determinados pensadores da Filosofia, mas também atualiza aquelas ideias tradicionais em contato com as suas próprias concepções. Desse modo, no debate Kant-Husserl, Gödel encaminha sua discussão filosófica no sentido transcendental, o que aponta para um possível projeto de constituir um caminho filosófico para uma nova teoria do conhecimento tendo a fenomenologia como parâmetro dessa ciência filosófica capaz de lidar com a crise contemporânea da razão.

Referências Bibliográficas

Gödel, K. *The modern development of the foundations of mathematics in the light of philosophy*. Collected Works vol. III. New York: OUP, 1995.

Kant, I. *Crítica da Razão Pura*, trad. A. Morujão, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.

Tieszen, R. *Gödel's Path from the Incompleteness Theorems (1931) to Phenomenology (1961)*. New York: CUP, 2005.

APRESENTAÇÃO EM PÔSTER DIALOGADO.